

Manuel Alberto Carvalho Prata
Coordenação



Imprensa
Estudantil
de Coimbra

Vol. I:
Repertório Analítico
(Século XIX)



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2006

DUAS PALAVRAS

A ideia de realizar um projecto de investigação sobre a imprensa estudantil, à semelhança do que aconteceu com as revistas de história,⁽¹⁾ as literárias,⁽²⁾ a imprensa operária e sindical,⁽³⁾ a patronal⁽⁴⁾ e a de educação e ensino,⁽⁵⁾ surgiu nos primeiros anos da década de noventa, quando preparávamos a nossa dissertação de doutoramento sobre a Academia de Coimbra. A ideia foi, depois, abandonada. Mais tarde, com a criação do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, da Universidade de Coimbra, e com o estímulo que nos foi dado pelo seu Director e Coordenador Científico, Prof. Luís Reis Torgal, que nos disponibilizou uma verba que a prestigiosa Fundação Calouste Gulbenkian havia atribuído a um outro projecto de investigação que, por motivos vários, não se veio a concretizar, foi possível retomá-la e dar-lhe corpo.

Embora inserida em outras dimensões, esta ideia não é totalmente nova. Segundo nos refere Trindade Coelho, no século XIX, já Silva Pereira lhe solicitava informações sobre o jornal *A Porta Férrea*, para as introduzir no seu

⁽¹⁾ Rosalinda Branca da Silva Cunha, «Repertório de revistas portuguesas de história 1818-1974», *Revista da Biblioteca Nacional*, 1(2), Lisboa, 1981, pp. 313-354

⁽²⁾ Daniel Pires, *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*, Lisboa, Contexto, 1986 e Clara Rocha, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Vila da Maia, Gráfica Maiadouro, 1985

⁽³⁾ Victor de Sá, *Roteiro da Imprensa Operária e Sindical (1836-1986)*, Lisboa, Editorial Caminho, 1991; César de Oliveira, *Antologia-Imprensa Operária Portuguesa (1837-1936)*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1984; Maria Filomena Mónica, *A Formação da Classe Operária Portuguesa. Antologia da Imprensa Operária (1850-1934)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982

⁽⁴⁾ Maria Goretti Matias, «Inventário da Imprensa Patronal», *Análise Social*, n.º 99, 1987, pp. 1019-1044

⁽⁵⁾ *A Imprensa de Educação e Ensino. Repertório Analítico (Séculos XIX-XX)*, Direcção de António Nóvoa, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993

Dicionário de Jornalismo.⁽⁶⁾ Em 1931, Fernando Pinto Loureiro, numa «tentativa de dicionário», dá-nos uma resenha das publicações periódicas relativas à cidade de Coimbra,⁽⁷⁾ para, depois, Armando Carneiro da Silva a estender ao distrito.⁽⁸⁾ Também na revista *Rua Larga*, em artigos vários, se chama a atenção para o jornalismo estudantil, identificando-se, inclusivamente, alguns periódicos.⁽⁹⁾ É, no entanto, Vitor Ferreira quem avança com um *Inventário Analítico*.⁽¹⁰⁾ Também estudos outros se têm vindo a realizar, tomando como fontes a imprensa estudantil.⁽¹¹⁾

Pesem embora os diversos trabalhos que ultimamente têm sido produzidos, cremos não exagerar se dissermos, à semelhança de António Correia, que «a história da Academia de Coimbra está praticamente por investigar».⁽¹²⁾ Daí que

⁽⁶⁾ *In Illo Tempore*, Publicações Europa-América, n.º 289, Mem Martins, s.d., p. 78

⁽⁷⁾ *Jornais e Revistas de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1931

⁽⁸⁾ *Jornais e Revistas do Distrito de Coimbra*, Prefácio de Fernando Pinto Loureiro, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, 1947

⁽⁹⁾ *Rua Larga*, n.º 6, 1 de Novembro de 1957, p. 164; n.º 9, 20 de Janeiro de 1958, p. 278 e n.º 12, 15 de Abril de 1958, p. 374

⁽¹⁰⁾ «Inventário Analítico da Imprensa Estudantil Portuguesa em 1945-1967», *Análise Social*, n.ºs. 25-26, 1969, pp. 223-81

⁽¹¹⁾ A título de exemplos citamos: António Rafael Amaro, «O Imparcial, um jornal de combate (1912-1919)», *O C.A.D.C. de Coimbra. A Democracia Cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934). Uma abordagem a partir dos Estudos Sociais (1905-1911), Imparcial (1912-1919) e Estudos (1922-1934)*, Prefácio de Manuel Augusto Rodrigues, Coimbra, Faculdade de Letras, 1993; Jorge Seabra, «O Impacto do Modernismo em Portugal: O Caso dos Estudos Sociais, revista catholica mensal», *O C.A.D.C. de Coimbra cit.*, João Paulo Avelãs Nunes, «O C.A.D.C. de Coimbra nos inícios do Estado Novo. A revista Estudos entre 1922 e 1934», *O C.A.D.C. de Coimbra cit.*; Maria Helena Vilas-Boas e Alvim, «Contributo para o estudo de alguns periódicos da Academia de Coimbra do séc. XIX (1840-1870)», *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas. Actas do Congresso «História da Universidade» (No 7.º Centenário da sua fundação)*, vol. 3.º, Coimbra, Gráfica Ediliber, Ld.ª, 1991, pp. 243-56; Ana M. Caiado Boavida, «Tópicos sobre a prática política dos estudantes republicanos (1890-1931): Limites e condicionantes do movimento estudantil», *Análise Social*, terceira série, vol. XIX, n.ºs 77, 78 e 79, Lisboa, 1983, pp. 743-56; Teresa Maria Amaral Dias Carreiro, *Viver numa república de estudantes de Coimbra. Real República Palácio da Loucura 1960-70*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Outubro de 2002 (Dissertação de mestrado). Aqui se citam periódicos como: *Capa e Batina*, *O Badalo*, *Boletim da A.A.C.* e *Estudos*; Álvaro Garrido, *Movimento estudantil e crise do Estado Novo. Coimbra 1962*, Coimbra, Minerva Editora, 1996

⁽¹²⁾ A. C., «A propósito de três livros sobre a vida dos Estudantes de Coimbra», *Rua Larga*, n.º 6, Coimbra, 1 de Novembro de 1957, p. 181

uma das grandes motivações que, inicialmente, nos impulsionou para a realização deste projecto tivesse sido a de contribuir, por um lado, para uma grande história da Academia e, pelo outro, para uma visão mais completa, mais global e alargada da história da Universidade, nomeadamente da Universidade de Coimbra, pois, como muito bem anota Ferreira Gomes, «a outra componente da Universidade de Coimbra é a Associação Académica... de que são membros todos os estudantes, sem necessidade de inscrição e sem pagar cota — que, com alguma frequência, se dá o nome de Academia de Coimbra».⁽¹³⁾ Aliás, a razão de ser de uma escola são os seus próprios alunos. A história de uma instituição escolar ficará sempre incompleta se nela não se integrar a dimensão do seu corpo discente.

Feitos por estudantes, tanto os jornais como as revistas constituem lugares privilegiados de produção e divulgação de cultura. É através destes espaços que mais facilmente se captam as ideias, se referenciam as adesões e as críticas, se identificam as repulsas, se conhecem as tendências da arte, os movimentos literários e científicos, as simpatias e as opções políticas, numa palavra, a cultura de uma comunidade.

Para além de uma história da Academia e da Universidade, que não deixam de se inscrever numa História da Educação, com esta publicação pensamos ir mais além. Contribuir ainda para um reforço desta área científica, na medida em que na imprensa estudantil se englobam, também, os periódicos publicados pelos alunos do ensino não superior e que são um óptimo meio para se captarem, não só as habituais críticas às reformas, aos conteúdos programáticos e práticas pedagógicas, mas também outras múltiplas e diversas dimensões do grande mundo que é o campo da educação e do ensino. Daí que, no século XIX, Manuel Emídio Garcia escrevesse: «O jornal, ainda mais que o livro, é hoje e há-de continuar a ser um dos poderosos agentes educadores que podem e devem purificar e preparar o meio social em que vivemos».⁽¹⁴⁾

Diferentes das publicações académicas, que, normalmente, são feitas e dirigidas por professores, lançadas e subsidiadas por escolas e instituições, as estudantis situam-se, na maior parte dos casos, em campos distintos e até opostos. De um modo geral, os periódicos estudantis caracterizam-se por um certo

⁽¹³⁾ Apud Manuel Alberto Carvalho Prata, *A Academia de Coimbra (1880-1926). Contributo para a sua História*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2002, p. 15

⁽¹⁴⁾ *Mosaico*, n.º 1, Coimbra, Dezembro de 1874, p. 2, col. 2

distanciamento e até por uma posição de irreverência em relação à escola e aos seus mestres. Em termos económicos, os periódicos estudantis vivem, essencialmente, do produto das suas vendas, alguma publicidade, quando existe, mas sobretudo da capacidade financeira dos seus responsáveis.⁽¹⁵⁾ Eis aqui uma explicação, não só para a sua pouca longevidade, traduzida, normalmente, nuns fatídicos três meses, mas também para o não cumprimento, em muitos casos, da periodicidade inicialmente anunciada.

Diferenças, também, ao nível das temáticas abordadas. Se as revistas académicas privilegiam, sobretudo, temas ligados ao passado, as estudantis viram-se mais para questões do presente e do futuro. Esta perspectiva é compreensível se recordarmos que a juventude estudantil aposta em culturas de mudança. Daí a dimensão do vanguardismo e a afirmação de grupos, matérias importantes que podem constituir outras faces da problemática educativa, nomeadamente da educação não-formal. É Trindade Coelho quem nos fala, por exemplo, da rivalidade literária e dos periódicos dados à estampa pelo grupo que frequentava o Café Lusitano e o grupo que demandava a mercearia vizinha do Anda a Roda.⁽¹⁶⁾

Uma outra razão para a existência desta publicação reside na riqueza das próprias fontes. Pela sua própria natureza, a imprensa é, não só uma preciosa fonte de informação histórica, mas também de formação, animação e intervenção. Daí a possibilidade de questionar a imprensa em perspectivas múltiplas, tendo em conta, também, a renovação conceptual e metodológica que a história vem fazendo.

Com esta publicação pensamos, finalmente, criar um instrumento de referência bibliográfica que julgamos possa ter alguma utilidade para os homens da investigação.

Com o título de *Imprensa Estudantil* privilegiam-se, neste primeiro volume, as publicações periódicas coimbrãs referentes ao séc. XIX; o segundo volume tratará das do século XX.

⁽¹⁵⁾ Trindade Coelho, referindo-se à história de *A Porta-Férrea*, diz-nos: «De forma que eu, que (digo-o sem vanglória) era o mais económico do grupo, talvez por ser o que tinha menos dinheiro, via-me frequentes vezes na necessidade - para não ficarmos inéditos - de abonar os 5000 réis indispensáveis aquela glória...» (*Ob.cit.*, p. 78).

⁽¹⁶⁾ *Idem*, pp. 72-83.

É possível que, numa segunda fase, se avance para as publicações de outras academias do país.

Na efectivação deste projecto foram muitas as dificuldades encontradas. Trata-se de um tema com alguma especificidade. Independentemente de outras questões, nem sempre foi fácil, por vezes, distinguir o que era estudantil do que não era. Temos, por isso, a consciência plena das suas lacunas. Todas as achegas são por isso bem-vindas.

Palavras de agradecimento são devidas. A primeira vai para o Dr. Manuel Carmelo Rosa e para a Fundação Calouste Gulbenkian, pela simpatia com que fomos recebidos, pelo acolhimento que deram ao projecto e pelo apoio financeiro que lhe concederam.

Ao Coordenador Científico do CEIS-20, pelo estímulo e apoio que sempre nos prestou.

Aos Senhores Funcionários da Biblioteca Municipal de Coimbra, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e da Imprensa da Universidade, que foram incansáveis no sentido de bem servir.

À Dr.^a Olga Maria Osório Costa Farias, directora da Biblioteca do Instituto Politécnico da Guarda, pelos trabalhos desenvolvidos junto da Biblioteca Nacional e Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Ao Prof. José Filipe Nunes Pereira Saraiva, pela disponibilidade que teve em ler este nosso trabalho.

À Lá Salete Barreiros, pelo trabalho e empenho posto na composição.

Às Dr.^{as} Manuela Sofia Esteves e Sandra Isabel Pinto, que, fazendo, inicialmente, parte da equipa, deixaram-nos algum contributo.